

**XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB****ISSN 2177-3688****GT-10 – Informação e Memória****AS DIMENSÕES DA RELAÇÃO INFORMAÇÃO E MEMÓRIA: o espaço público citadino*****THE DIMENSIONS OF THE INFORMATION AND MEMORY RELATIONSHIP: the city public space*****Tahis Virgínia Gomes da Silva. UFPB.****Modalidade: Trabalho Completo**

Resumo: Esta comunicação – recorte de tese defendida, em 2021, em um programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – objetiva discutir as dimensões da *relação informação e memória* em logradouros, com estatuária, localizados em João Pessoa/ PB. Tendo o espaço público “Praça” como contexto empírico e duas categorias analíticas a “Função Social” e o “Contexto espaço-temporal”. **Procedimentos metodológicos:** Adotou-se uma abordagem qualitativa, tendo como técnica de coleta de dados a *observação qualitativa* com auxílio de imagens registradas *in loco* nos meses de novembro de 2019, janeiro de 2020 e fevereiro de 2021, e também por visita virtual no *Street View* do *Google Maps* pelo qual foram coletadas informações acerca das transformações temporais ocorridas nos espaços selecionados a partir do referencial teórico sobre informação e memória, espaço público citadino e práticas do lugar. **Resultados:** Os três logradouros selecionados para análise denotaram aspectos que confirmam a função social desses lugares por expressarem as práticas sociais ali vivenciadas; as modificações topográficas e uso dos espaços demonstraram as transformações que o elemento praça sofreu com o passar dos anos evidenciando que as práticas do uso desses lugares estão condicionadas ao contexto da relação espaço-tempo. **Considerações finais:** Concluiu-se que as dimensões da relação informação e memória são acionadas no espaço público praça pelo compartilhamento coletivo de informação e construção de memórias. Partindo disso, perceberam-se contribuições para Ciência da Informação quanto à reflexão do uso e apropriação do espaço público e também representabilidade informacional e memorialística dos entes e temas referendados na linguagem escultórica no espaço público “Praça”.

Palavras-Chave: informação e memória; praça; espaço público citadino - pertencimento.

Abstract: This communication – part of a thesis defended, in 2021, in a Postgraduate Program in Information Science – aims to discuss the dimensions of the relationship between information and memory in public places, with statuary, located in João Pessoa/ PB. Having the public space “Square” as an empirical context and two analytical categories the “Social Function” and the “Space-time Context”. Methodological procedures: A qualitative approach was adopted, using qualitative observation as a data collection technique with the aid of images recorded *in loco* in november 2019, january 2020 and february 2021, and also by virtual visitation on Street View Google Maps, through which information was collected about the temporal transformations that occurred in the selected spaces from the theoretical framework on information and memory, city public space and practices of the place. Results: The three places selected for analysis denoted aspects that confirm the social function of these places as they express the social practices experienced there; the topographical changes and use of spaces demonstrated the transformations that the square element underwent over the years, showing that the practices of the use of these places are conditioned to the context



of the space-time relationship. Final considerations: It was concluded that the dimensions of the relationship between information and memory are activated in the public space by the collective sharing of information and the construction of memories. Based on this, contributions to Information Science regarding the reflection of the use and appropriation of public space and also informational and memorialistic representability of entities and themes referenced in the sculptural language in the public space "Praça" were perceived.

Keywords: information and memory; square; city public space-belonging.

1 INTRODUÇÃO

As narrativas dos caminhantes (CERTEAU, 2014) – constituídas pelo ato de olhar, andar ou falar sobre a cidade – disseminam a informação e constroem a memória dos espaços. O que levou a reflexão expressa no objetivo desta comunicação: *Discutir as dimensões da relação entre Informação e Memória identificadas em logradouros com estatuária da cidade de João Pessoa/PB.*

As praças – sendo uma tipologia de logradouro – com esculturas, chamaram a atenção como objeto de análise pela situação de depreciação e depredação de esculturas nesses espaços públicos da capital paraibana, considerando que essa manifestação artística, disponibilizada ou exposta, no espaço público, potencialmente distingue um lugar de outros no contexto da cidade seu caráter de singularidade.

A partir de um recorte de tese defendida, no âmbito de um Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, foi proposto ***discutir as dimensões da relação informação e memória em logradouros, ou seja, praças com estatuária, localizadas na cidade de João Pessoa/ PB.*** Essas praças compõem o contexto empírico desta publicação, compreendidas como referenciais de “imagem ambiental” (LYNCH, 2006, p.139), selecionadas de acordo com sua função social (LYNCH, 2006), e também observando os aspectos que envolvem a relação tempo-espaço. Essa pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, tendo como técnica de coleta a *observação qualitativa*, que, por sua vez, utilizou como instrumento de coleta de dados o registro fotográfico de imagens obtido pela visita presencial aos logradouros selecionados e pela visita virtual ao *Street View* do *Google Maps* no qual se buscou informações quanto às modificações geográficas de uso nos espaços.

Foi utilizado como recorte empírico da pesquisa os relatos de memória dos participantes extraídos de episódios do Programa “Nosso Bairro” – produção da TV Câmara da cidade de João Pessoa/PB disponível no site do *Youtube* – acrescidos de fontes



documentais coletadas em páginas oficiais da Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP), do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)¹, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e, principalmente, nos arquivos digitais do Jornal A União². O registro de imagens dos logradouros analisados ocorreu entre os meses de novembro de 2019, janeiro de 2020 e fevereiro de 2021.

2 DESENVOLVIMENTO

Os estudos sobre a *relação informação e memória* têm permeado os debates no campo da Ciência da Informação (CI). Com a criação do GT10 – Informação e Memória – da ANCIB (DODEBEI, 2015; AZEVEDO NETTO; DODEBEI, 2017), o tema foi ainda mais impulsionado, com pesquisas apresentadas que colaboram para um “novo campo transdisciplinar” da Ciência da Informação (DODEBEI, 2015, p.44).

Desde a metade do século XX, é possível afirmar que a sociedade ocidental contemporânea representa a realidade como um “espaço informacional e memorial” (DODEBEI, 2010, p. 59) no qual a cultura material e a cultura imaterial receberam maior visibilidade científica e social dentro de uma sociedade “representada pelo consumo de bens que transitam nas redes sociais [...]” (DODEBEI, 2010, p. 59); portanto, é possível afirmar que a relação informação e memória merece mais visibilidade nas Ciências Sociais, principalmente, na Ciência da Informação, como confirmam alguns estudos da CI (OLIVEIRA, 2010; OLIVEIRA; RODRIGUES; CASTRO, 2017; AZEVEDO NETTO; DODEBEI, 2017).

O interesse pela *relação informação e memória* tornou-se presente, na área de CI, desde as linhas de pesquisa dos programas do campo, como destacam Câmara e Bufrem (2016). Esses pesquisadores levantaram informações sobre as linhas de pesquisa dos programas de Pós-graduação em Ciência da Informação que abordam em suas linhas de estudos, dentre outras, as terminologias: *memória*, *memória social*, *memória-identidade* e, por fim, o binômio “Memória – Informação”, aqui convertido para a terminologia:

¹ Em virtude do cenário de enfrentamento a pandemia do COVID-19 não foi possível consultar presencialmente as fontes no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba – IPHAEP, nem tão pouco obtidos acesso a fontes digitais desta instituição.

² Foi identificada a existência de números das edições do referido jornal, porém, não disponíveis online. No entanto, em virtude das restrições de mobilidade e segurança sanitária devida o COVID-19, não foi possível consultar o arquivo físico do Jornal **A União** e verificar os conteúdos desses fascículos, e, sendo assim, foram também consultadas outras páginas online para obtenção de informações sobre a construção ou inauguração de alguns dos logradouros selecionados.



Informação e Memória, o que preconiza a constância da temática nas pesquisas da CI no Brasil.

Considera-se possível afirmar a “*informação*” enquanto artefato (PACHECO, 1995), ou seja, como produto social que se constrói a partir das representações que o sujeito faz da realidade social (AZEVEDO NETTO, 2007), mas também, como materialidade, expressa por meio dos suportes materiais. E a “*memória*” como “[...] um ato de referenciamento” (AZEVEDO NETTO, 2005, p.267), isto é, uma representação, materializada nas mais diversas expressões do ato do lembrar, indo do que é particular a cada sujeito ao compartilhamento de vivências coletivas, e, também, “[...] no reconhecimento dos patrimônios culturais” (AZEVEDO NETTO, 2005, p.267) e nas inter-relações socioculturais.

Desse modo, “*informação*” e “*memória*” são conceitos que estabeleceram relações de aproximação, sendo relevante o estudo sobre suas relações e contribuições para a consolidação do objeto de pesquisa da Ciência da Informação (DODEBEI, 2010).

E, potencialmente, é com auxílio dessa relação de informação e memória que a cidade sobrevive (CERTEAU, GIARD E MAYOL, 2009), envolvendo a construção de sentidos de pertencimentos – compreendo essa noção como o reconhecimento daquilo que é propriedade e/ou patrimônio da pessoa, enquanto sujeito social, isto é, aquilo que o sujeito ou a comunidade reconhece que pertence ou como pertencente ao grupo – e nas representações expressas por meio das práticas dos e nos lugares e espaços de memória (LOUREIRO, 2015).

Já a cidade é movimento, manifesto, sobretudo, pela dinâmica do andar, pelo mover-se cotidiano dos transeuntes, que no passo acelerado do dia a dia, buscam recuperar o tempo perdido, consomem e produzem informação e constroem memórias. É, pois, também por essa dinâmica da cidade que é visível essa relação informação e memória no espaço público no qual existem uma troca de saberes e vivências onde os cidadãos concretizam suas relações cotidianas; ou ainda, como diz Certeau (2014), suas práticas do espaço “[...] carregados de memória de si mesmo e dos outros, dos lugares e de lugar nenhum, das esquinas e dos objetos, das casas e dos prédios, dos museus e dos templos [...]” (SOUZA, 2017, p.22) construído uma contínua rede de significação e ressignificação.



De acordo com Certeau (2014, p.159): “[...] Essas práticas do espaço remetem a uma forma específica de operações [...] uma experiência ‘antropológica’, poética [...] do espaço [...]”. Sendo assim, a cidade pode se apresentar como um objeto ou um campo de estudo.

No fazer andar, o sujeito social cria uma multiplicidade de situações espaciais em um processo de escolhas no qual “o caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial” (CERTEAU, 2014, p.165) abrindo uma infinidade de possibilidades e criando novos percursos; que não apenas extrapolam as delimitações territoriais pré-definidas, como produz novos, e até mesmo, impensáveis trajetos, com um olhar curioso da descoberta ou das redescobertas do lugar; isto é, como o *flâneur* de Benjamin³, um observador, um detetive decifrador da realidade da cidade em constante encontro com a multidão uma vez que é na rua que se sente em casa. Considerando que “[...] a caminhada afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, [...], as trajetórias [...]” (CERTEAU, 2014, p.166-167) sendo também um processo de apropriação do lugar.

O espaço, em Certeau (2014), é o “lugar praticado” e essa prática do fazer é elaborada segundo as narrativas espaciais que os sujeitos, ou caminhantes, constroem a partir do olhar, do caminhar – incluindo o falar e o viver a cidade –, construindo suas práticas não apenas através de relatos que falam, a partir da linguagem verbal, mas também da linguagem visual e sensorial.

Sendo assim, para Certeau (2014), as práticas do sujeito social definem o espaço como lugar praticado, porém, pode-se dizer que o sujeito é configurado, moldado, ou melhor, definido também por este espaço (BOURDIER, 2013), uma vez que:

O espaço social tende a se retraduzir, de maneira mais ou menos rigorosa, no espaço físico sob a forma de um determinado arranjo distributivo dos agentes e das propriedades. Consequentemente, todas as distinções propostas em relação ao espaço físico residem no espaço social reificado (ou, o que dá no mesmo, no espaço físico apropriado), que é definido – para falar como Leibniz – pela correspondência entre uma determinada ordem de coexistência dos agentes e uma determinada ordem de coexistência das propriedades.

Para Bourdieu (2013), a relação com o espaço social constitui o ser humano ao mesmo tempo em que é constituído por este visto que “os seres humanos são,

³ Walter Benjamin, em *Baudelaire e a Modernidade*, apresenta uma reflexão sobre a modernidade em Baudelaire, sua compreensão de *flâneur*, “[...] uma espécie de botânico do asfalto [...]”. É, sobretudo, alguém que não se sente integrado na sua própria sociedade. Por isso ele procura a multidão [...]” (BENJAMIN, 2015, p.39; p.50).



simultaneamente, indivíduos biológicos e agentes sociais que são constituídos como tais na e pela relação com o espaço social, ou melhor, com campos [...]” (BOURDIEU, 2013, p.133). Ou seja, esse processo de apropriação qualifica o lugar ao mesmo tempo em que é o espaço é sujeito social é qualificado pelo lugar.

Se, por um lado, há uma prática de uso, consumo e produção do e no espaço, por outro há uma relação de apropriar-se do espaço, um apodera-se do espaço físico, concedendo, essas duas situações, ao lugar o seu aspecto social. Consequentemente, se pode dizer que, é a prática que faz o lugar e é a apropriação que perpassa por esse acordo implícito entre os envolvidos, qualificando o espaço social. Essa situação de contratos de usos do espaço social pelo sujeito social é perceptível, nos logradouros, no espaço público urbano, na praça.

2 .1 A Praça

[...] a praça é um elemento morfológico [...] e distingue-se de outros espaços [...] a praça pressupõe a vontade [...] é o lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de urbanas e comunitárias [...]. (LAMAS, 2004, p.100, grifo nosso).

Ela surge, como elemento morfológico da cidade se instala, no contexto do espaço urbano, entre os séculos XVIII e XIX, ganhando maior evidência, precisamente, a partir do Renascimento, quando o elemento assume maior status, e se torna “[...] parte obrigatória do desenho urbano [...]” (LAMAS, 2004, p.102).

No cenário brasileiro, a praça tem posição de destaque, desde o período colonial, sendo um elemento primordial no espaço urbano das cidades, assim como expõe Santos (2008, p. 61):

Determineis o sítio mais a propósito para uma vila e procureis que seja o que parecer mais saudável e com provimento de boa água e lenha [...] e logo determineis nela o lugar da praça [...] que em todo tempo se conserve a mesma formosura da terra e a mesma largura das ruas, e junto da vila fique bastante terreno para o logradouro público [...].

É possível dizer, então, que a praça resulta da necessidade de criar um lugar, considerando o espaço público, de interação social como um “[...] lugar intencional do encontro, e da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais [...]” (LAMAS, 2004, p.100), alterando, deste modo, não apenas a topografia do lugar, mas concedendo nova funcionalidade ao espaço.



Em síntese, a praça é um lugar de encontros de pessoas, de convivência social, de troca de informação e de construção de memórias, sendo um dos espaços públicos–mais democráticos e igualitários. É, nesse sentido, que a praça:

[...] vincula-se ao conceito de espaço público, acessível a todos os indivíduos, moradores ou visitantes capazes de interagir livremente na mesma base, independentemente de sua condição social [...] características desse espaço público referem-se à multiplicidade urbana que ele admite: o comércio, os serviços, o encontro, o lazer, o descanso ou, simplesmente, o estar que imprime ao indivíduo a condição de flâneur, como definido por Walter Benjamin [...]. (SUN, 2008, p.10).

Com isso, se afirma a praça como um espaço público que potencializa a relação informação e memória por sua abertura a interação sociocultural.

2.2 Resultados da pesquisa

Conforme Souza (2017, p. 20), “escolher uma localidade, edificação ou equipamento público e iniciar a observação requer uma seleção de objeto de pesquisa”, porém, em toda seleção há um processo de exclusão. Assim sendo, por meio da *seleção intencional*, foi selecionada, para esta comunicação, a apresentação dos resultados da análise de duas categorias: a ***Função Social***, que expressa às práticas sociais de interação no espaço público, e os ***Aspectos do Contexto espaço-temporal***, que evidenciam as transformações espaciais e de uso social ocorridas no espaço público observando o contexto das questões de espaço-tempo a partir dos dados coletados, no caso, as falas de participantes de 03 (três) episódios⁴ do Programa “Nosso Bairro”⁵.

Como cada episódio do Programa está disponível no canal da TV Câmara JP no *YouTube* – plataforma on-line de compartilhamento de vídeos –, o acesso às informações foi fácil, dispensando protocolos de solicitação para acesso, divulgação ou uso dos relatos nos resultados da pesquisa. Esses 03 (três) episódios foram selecionados correspondentes aos respectivos bairros:

1. Bairro do Centro
2. Bairro de Miramar

⁴ Na tese defendida, em 2021, no âmbito de Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, foram utilizadas quatro categorias para análise de 09 (nove) logradouros, envolvendo relatos de 07 bairros exibidos no Programa “Nosso Bairro”.

⁵ Desenvolvido e exibido pela TV Câmara JP, da Câmara Municipal dos Vereadores da capital paraibana, e pelo canal da Câmara no *YouTube*, abordando as rotinas e as histórias de bairros da cidade de João Pessoa, em uma série de 21 (vinte e um) episódios, recorrendo a relatos de seus moradores e comerciantes durante os anos de 2014 a 2016.



3. Bairro de Tambiá

A delimitação do recorte temporal, desta pesquisa, envolveu o período de 2011 a 2019. Pois, dessa forma, foi possível verificar como era o logradouro antes e durante a exibição dos episódios do Programa “Nosso Bairro” ⁶, bem como aquele espaço público se encontrava, no ano de 2019⁷, nos registros do *Street View do Google Maps*, visando verificar se houver alterações em seu uso e arquitetura nesse período de tempo.

Sendo assim, a análise das categorias observadas, nos espaços selecionados, apresentaram os seguintes resultados, conforme mostram os quadros 1 e 2:

QUADRO 1: CATEGORIA FUNÇÃO SOCIAL

BAIRRO	ESPAÇO PÚBLICO: LOGRADOURO COM ESTATUÁRIA	ELEMENTO MORFOLÓGICO ANALISADO	FUNÇÃO SOCIAL
Centro	Praça André Vidal de Negreiro	Praça	A “Praça Vidal de Negreiros”, ou simplesmente, “Ponto de Cem Réis”, é um logradouro de grande movimentação de transeuntes. é denotada pelo uso espontânea daquele espaço tanto para o lazer como também para usos comerciais e manifestações políticas.
Tambiá	Praça da Independência	Praça	A “Praça da Independência” é um amplo espaço público, arborizado, utilizado para o lazer e a prática de atividades físicas, localizado em um dos bairros mais antigos próximo ao Centro da cidade de João Pessoa.
Miramar	Praça Tito Silva	Praça	A “Praça Tito Silva” ou conhecida como a “Praça das Muriçocas” é ponto de saída do Bloco de Arrasto Pré-Carnavalesco Muriçocas do Miramar, mais independente do período do pré-carnaval pessoense tem uma movimentação de transeuntes diária e contínua, pois, além de estar em via de grande fluxo de veículos, com ponto de parada de ônibus próximo e “praça” de taxistas, a Praça abriga quiosque de lanches e é circundada por pontos comerciais. Denota-se a relevância, desta praça, para vivência sociocultural dos moradores e comerciantes daquele bairro.

Fonte: dados da pesquisa

O quadro 1 apresenta os aspectos que denotam a categoria “Função Social” identificando o elemento morfológico analisado. Percebeu-se que os 03 (três) espaços públicos selecionados para esta comunicação expressam as práticas da categoria proposta, como observado nas práticas de apropriação espontâneas do lugar, a exemplo do uso para os festejos pré-carnavalescos, na Praça Tito Silva. Esse tipo de apropriação constrói as práticas sociais dos lugares.

Por sua vez, no quadro 2, que segue abaixo, descreve-se as modificações topográficas e de uso ocorridas em cada praça com o passar dos anos, demonstrando as transformações sociais expressas nos usos e práticas do lugar (CERTEAU, 2014). E essa prática do lugar,

⁶ Gravados ou originalmente exibidos entre os anos de 2014 a 2016.

⁷ Período do início da coleta de dados da pesquisa de tese.



alicerçada nas vivências, logo, nas memórias, dos participantes do Programa “Nosso Bairro” que configuraram esse espaço público como referência de lugar de memória pela forte permanência desse elemento no espaço público citadino.

QUADRO 2: CATEGORIA CONTEXTO ESPAÇO-TEMPORAL

Bairro	Espaço Público: Logradouro com Estatuária	Elemento Morfológico Analisado	Contexto Espaço-temporal
Centro	Praça André Vidal de Negreiros	Praça	A Praça André Vidal de Negreiros está localizada no Centro da cidade de João Pessoa/PB mais precisamente em torno das ruas Visconde de Pelotas e Duque de Caxias. Esse logradouro teve sua construção iniciada no ano de 1923, passando por várias obras que realizaram ampliações e modificações, sobretudo, na década de 1950. Mas somente na década de 1970 chegou a ter maior destaque tornando-se conhecida como marco da modernidade urbana na capital paraibana (CHAVES, 2014). Em 04 de agosto de 2009 – às vésperas do aniversário da cidade – a praça foi reinaugurada, após reformas que alteraram sua estrutura física, envolvendo a dimensão de todo o seu pátio – com aproximadamente 5.214 metros quadrados – a iluminação, o paisagismo e a colocação de bancos, como também a instalação de um domus em formato de pirâmide, com fins de ventilação, e a reconfiguração de um viaduto modificado para túnel. Na data houve o descerramento da escultura do busto de André Vidal de Negreiros, da estátua em homenagem ao carnavalesco Livardo Alves – em bronze, de tamanho natural, sentado em um dos novos bancos da praça – e das placas alusivas a estas personalidades, além da placa com o nome do ex-prefeito Damásio Franca. (Obra..., 2009, p.24). ¹
Tambiá	Praça da Independência	Praça	Localizada no Bairro de Tambiá, um dos mais antigos da cidade, essa praça foi criada em alusão ao centenário da Programação da Independência do Brasil em setembro de 1922. Foi tombada em 26 de agosto de 1980, por meio do Decreto 8.641, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP). Em 2015 passou por procedimentos de revitalização paisagísticos e reformas no passeio urbano e na reestruturação no número bancos e de mobilidade no coreto.
Miramar	Praça Tito Silva	Praça	Localizada no Bairro de Miramar, mais precisamente, na Rua Tito Silva, que dar o nome ao logradouro, essa Praça foi reinaugurada, em outubro de 2014, dando destaque para a estátua estilizada de uma grande muriçoca, porém, como praça existe no bairro desde sua fundação.

¹ JORNAL A UNIÃO, João Pessoa, PB, Ano CXVI, n. 104 p.24, 04 de agosto de 2009. Disponível em: <https://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/jornal-a-uniao/2011-a-2015/2009/agosto/a-uniao-04-08-2009.pdf/view>. Acesso em: 11 mai. 2021.

Fonte: Dados da pesquisa

Certeau (2014, p.167) afirma que as práticas do lugar são “[...] como os elementos de base da retórica, desvios relativos a uma espécie de ‘sentido literal’ definido pelo sistema urbanístico [...]”, ou seja, as narrativas do espaço público se relacionam com as configurações topográficas predefinidas.

Contudo, essas práticas do lugar também passam pelo falar sobre a cidade como mostra, o quadro 3, no qual apresentam-se algumas das falas de participantes do Programa “Nosso Bairro” com narrativas do lugar, onde os sujeitos entrevistados contam suas vivências no bairro exibido, referenciando práticas sociais nas praças aqui analisadas.

**QUADRO 3: NARRATIVAS DOS ESPAÇOS**

Bairro	Espaço Público: Logradouro com Estatuária	Elemento Morfológico	Função Social
Centro	Praça André Vidal de Negreiros	Praça	Fala do Historiador: Até a década de 20 do último século, o que nós tínhamos aqui era a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e ao lado que ficava aqui, nós tínhamos uma igreja. Havia um sobrado, o sobrado do Barão de Baraúnas. Servia para um jornal, o Jornal Correio da Manhã, de Rui Carneiro. Rui Carneiro ocupava a parte de cima. O jornal ficava em baixo, no meio tinha uns quatinhos ocupados por estudantes que vinham do interior [...] estudavam no Liceu. [...] Começa a se modernizar com bombonieres, bondes e engraxates [...]. De 1930 para cá o Ponto de Cem Réis foi realinhado [...]. (PROGRAMA NOSSO BAIRRO, 2014).
Tambiá	Praça da Independência	Praça	Fala1 da apresentadora: Seu pai projetou a Praça da Independência? Fala2 do arquiteto: Foi. Porque naquela época, de 1917 pra 1918, começou um movimento no Brasil de como se comemoraria o centenário da Independência do Brasil. Então o governador daqui estabeleceu uma providência de encontrar um local para fazer essa comemoração em termos definidos. Então a família de Walfredo Guedes Pereira separou uma área de quatro hectares para a construção de uma praça que celebrasse o centenário da Independência do Brasil. Então, como meu pai era arquiteto, chamaram meu pai para fazer um esboço da praça. Meu pai dividiu a praça em quatro quadrantes né?! Cada quadrante representaria uma das regiões do Brasil, hoje tem região pra danar, no Brasil [...] Centro-oeste, meio-oeste, num sei o quê, faroeste (risos) [...]. Só tinha três [...] quatro regiões. O Brasil Norte, o Brasil Sul, o Brasil Leste e o Brasil Oeste no central. E colocou a praça rigorosamente dentro da direção Norte-Sul-Leste-Oeste, cada quadrante da praça representava uma região. Meu pai tinha muita amizade com um botânico e disse separe quais são os exemplares da flora brasileira mais representativa de cada região. [...] Agora já mudaram. Eu mesmo fui responsável mudar, na época do golpe militar. (PROGRAMA NOSSO BAIRRO, 2014).
Miramar	Praça Tito Silva	Praça	Fala1 Produtora Cultural: teve um carnaval que foi tão bom que a orquestra saiu do Cabo Branco desceu e ficou aqui na frente da Praça, tava chovendo e eles ficaram tocando ali na marquise do Cabo Branco e a gente pulando aqui na Praça [...] era uma coisa bem forte aqui o carnaval [...]. Fala2 Fundadora do Bloco Muriquós do Miramar: [...] era uma terça-feira de carnaval, nós chegamos à conclusão de que não tínhamos ouvido nenhum barulho de carnaval, os únicos... Únicas pessoas que tínhamos ficado na cidade éramos nós, que estávamos aqui nesta festinha, e as muriquós [...] a saímos por aqui desfilando pela Praça, pela rua, batendo panela, cantando, né?! As marchinhas de carnaval [...] isso aí é o ano zero das Muriquós, quando a gente pensou em criar um bloco de carnaval [...] fundamos neste dia o bloco [...]. (PROGRAMA NOSSO BAIRRO, 2016).

Fonte: Dados da pesquisa

Partindo dessas narrativas, é possível afirmar que as práticas do fazer (CERTEAU, 2014) são construídas pelas narrativas espaciais que os sujeitos caminhantes produzem pelo ato de olhar, andar e viver a cidade, expressando essas práticas no ato de falar sobre o lugar.

Consequentemente, pode-se dizer que essas práticas do lugar constroem o espaço como lugar praticado (CERTEAU, 2014), mas também define o sujeito social (BOURDIEU, 2013), sobretudo, como indício de memória.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade é campo propício para as inter-relações sociais. É lugar de produção, consumo e troca de informação, e também de construção de memórias evidenciando a existência da relação informação e memória no contexto do espaço público da cidade. Essa



relação expressa é nos fazeres cotidianos de cada sujeito social, transeunte incógnito, que em seu anonimato constrói a significação do espaço citadino.

A cidade não se apresenta apenas como um objeto percebido é, também, um organismo vivo e está sempre se modificando, se transformando. Toda cidade tem sua fisionomia própria, seu delinear territorial, sua identidade, enquanto espaço público de convivência sociocultural.

Em relação ao objetivo proposto, nesta pesquisa, é possível assegurar que a dimensão da *relação informação e memória* é acionada por meio do logradouro “praça” a partir da afirmação do espaço público como lugar de práticas sociais, construção e troca de informação e de compartilhamento da memória pessoal e coletiva. Tendo como exemplo as falas sobre a Praça Tito Silva, referenciando aquele lugar como espaço social dos festejos de momo e também da concentração do bloco de arrasto pré-carnavalesco “Muriçocas do Miramar” – vivenciado de tal maneira que concede o nome popular daquela praça, conhecida como Praça das Muriçocas, reafirmando a vivência sociocultural daquele bairro.

A dinâmica da cidade possibilita a relação informação e memória. Porque em seu espaço público existe uma troca de saberes e experiências entre sujeitos heterogêneos interagem cotidianamente exercendo uma rede de significação e ressignificação contínua. A cidade convida para a experiência da vivência e da convivência, no espaço público, e é, sobretudo, através das relações sociais de trocas de informação e construção de memórias que a cidade estabelece seu papel social.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO NETTO, C.X. de. Cultura, Identidade e Cultura material: a visão arqueológica. **Rev. Vivência**, n.28, 2005, p.265-275.

AZEVEDO NETTO, C.X. de. Informação e memória: as relações na pesquisa. **Revista História em Reflexão**, Dourados, UFGD, v. 1, n. 2, p. 1-19, jul./ dez. de 2007.

AZEVEDO NETTO, C.X de; DODEBEI, V.L. Informação e memória trajetória do GT10 da ANCIB e o impacto dos estudos culturais na CI. In: RODRIGUES, G.M. (org.). **Memória: interfaces no campo da informação**. Brasília: UNB (Editora Universidade de Brasília), 2017, p.53-76.

BENJAMIN, W. **Baudelaire e a Modernidade**. Belo Horizonte: Grupo autêntica, 2015.
Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582175859/>. Acesso em: 23 jul.2021.

BOURDIEU, P. Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. **Estudos avançados**, v.79, n. 27, 2013, p.133-144. Disponível em:
<file:///C:/Users/3green/Downloads/v27n79a10.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2020.



CÂMARA, R.S.da; BUFREM, L.S. Concepções de memória nas bibliografias das disciplinas dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil. In: XVII ENANCIB – Descobrimento da Ciência da Informação: desafios de multi, inter e transdisciplinaridade (MIT), 17, 2016. **Anais eletrônicos...** Salvador, Bahia, 2016. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/enancib2016/enancib2016/paper/viewFile/3653/2358>. Acesso em: 28 jul. 2017.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1- artes de fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. [Tradução Ephraim Ferreira Alves].

CERTEAU, M. de; GIARD, L.; MAYROL, P. **A invenção do cotidiano**: 2- Morar, cozinhar. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. [Tradução Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth].

CRESWELL, J.W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2010. [Tradução Magda França Lopes].

DODEBEI, V. L.D. Memória e informação - interações no campo da pesquisa. In: MARANON, E. I. M. (Org.). **Memória**: um lugar de diálogo para Arquivos, Bibliotecas e Museus. São Carlos, SP: Compacta, 2010, p.59-78.

DODEBEI, V. L.D. Tempos Memoriais e Patrimoniais: notas de pesquisa sobre informação e memória. AZEVEDO NETTO, C. X. de (Org.). **Informação, memória e patrimônio**: diálogos interdisciplinares. João Pessoa: Editora UFPB, 2015, p.44-64.

LAMAS, J.M.R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 3. ed. [Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004].

LOUREIRO, J. M. M, Informação, memória e patrimônio: breves considerações. In: AZEVEDO NETTO, C. X. de (Org.). **Informação, memória e patrimônio**: diálogos interdisciplinares. João Pessoa: Editora UFPB, 2015, p.97-107.

LYNCH, K. **A Imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. [Tradução Jefferson Luiz Camargo].

OLIVEIRA, E.B. **O Conceito de memória na Ciência da Informação**: uma análise da produção científica dos Programas de Pós-Graduação, 2010. 194p. Tese (Doutorado em CI) – UNB, Brasília, 2010. Disponível em:

https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/7466/1/2010_ElianeBragaOliveira.pdf. Acesso em: 11 jun. 2020.

OLIVEIRA, E.B.de; RODRIGUES, G.M.; CASTRO, R.M. A Memória na Ciência da Informação: uma análise da produção científica brasileira. In: RODRIGUES, G.M. (org.). **Memória**: interfaces no campo da informação. Brasília: UNB (Editora Universidade de Brasília), 2017, p.79-110.

PACHECO, L. M.S. A Informação enquanto artefato. **Informare** – Cad. Prog. Pós-grad. Ci. Infor., Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.20-24, jan./jun. 1995.

PROGRAMA Nosso Bairro TV Câmara JP, Episódio Nº3 Bairro de Miramar; Duração: 30'23'' Exibição: 18 de março de 2016. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=iQmaQbxwhEM>. Acesso em: 17 mai. 2018.



ENANCIB 2022

PORTO ALEGRE | UFRGS | PPGCIN

XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação • ENANCIB
Porto Alegre • 07 a 11 de novembro de 2022

PROGRAMA Nosso Bairro TV Câmara JP, Episódio Nº15 Tambiá, Duração: 30'01'', Exibição: 14 de outubro 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=86RuWICetCw>. Acesso em: 18 mai. 2018.

PROGRAMA Nosso Bairro TV Câmara JP, Episódio Nº18 Centro, Duração: 31'19'', Exibição: 7 de agosto de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6gA815eWUx8>. Acesso em: 16 mai. 2018.

SANTOS, P. **Formação de cidade no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/IPHAN, 2008.

SOUZA, G. M. de. A Cidade sob um olhar – educação patrimonial e o ensino superior: experiências para o debate. In: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Paraíba; TOLETINO, A. B.; BRAGA, E. O. (Org.). **Educação patrimonial** [recurso eletrônico]: práticas e diálogos interdisciplinares. João Pessoa – PB: IPHAN-PB; Casa do Patrimônio da Paraíba, 2017, p. 13-27 (Caderno temático; 6). Disponível em: www.iphan.gov.br. Acesso: 26 jul. 2017.

SUN, A. **Projeto da praça convívio e exclusão no espaço público**. São Paulo: SENAC, 2008.